

Tradução: artes visuais para a inclusão da diversidade sexual na formação de professores do ensino fundamental¹

Visual arts for the inclusion of sexual diversity in primary school teacher training

Ricard Huerta²

1 Artigo publicado originalmente como: Artes visuales para la inclusión de la diversidad sexual en la formación del profesorado de educación primaria, na Revista de Estudios Socioeducativos - ReSed (DOI: http://dx.doi.org/10.25267/Rev_estud_s). Gostaríamos de expressar nossa sincera gratidão ao Professor Doutor Ricard Huerta por sua generosidade ao ceder os direitos para a tradução de sua obra e à Revista de Estudios Socioeducativos - RESED - da Universidad de Cádiz por seu valioso apoio neste projeto. Suas contribuições são fundamentais para o sucesso deste empreendimento e para a disseminação do conhecimento em nossa comunidade acadêmica.

2 Professor Doutor, na Universitat de València, no DEP. de Didáctica de la expresión musical, plástica y corporal.

RESUMO

Neste artigo destacamos a necessidade de formar professores do Ensino Fundamental no campo da diversidade sexual. O principal objetivo é saber em que medida os futuros professores do Ensino Fundamental estão recebendo este tipo de formação, apresentando posteriormente propostas para melhorar esta situação precária de formação que existe quanto à inclusão da dissidência sexual e de gênero na escola. Entre os objetivos secundários destacamos a necessidade de utilizar ferramentas atrativas para lidar com essas questões em sala de aula. Observamos que, em relação à diversidade sexual, as Artes Visuais e a Arte/Educação³ nos oferecem a oportunidade de incorporar imagens, obras e artistas que trabalham essas questões, para o qual utilizamos o museu virtual *Museari* como ferramenta de apoio. Utilizamos a metodologia de estudo de caso. Depois de incorporar essas ações nas aulas, foi elaborado um questionário no qual responderam todos os participantes. Ao analisar os resultados, a conclusão a que chegamos é que a experiência de formação em diversidade e inclusão sexo-gênero tem sido interessante e inovadora para eles, tendo fomentado a reflexão sobre como incorporar essas questões na dinâmica da sala de aula do ensino fundamental.

PALAVRAS-CHAVE

Arte; Educação; Diversidade sexual; Museus; Formação de professores.

ABSTRACT

In this paper, we propose training Primary School teachers on issues of sexual diversity. As the main objective, we propose to know if future primary school teachers are receiving this type of training, subsequently providing proposals to improve this situation of formative precariousness that exists regarding the inclusion of sexual and gender dissidence in school. Among the secondary objectives, we highlight the need to use attractive tools to deal with these issues in the classroom. We observe that, in relation to sexual diversity, visual arts and art education offer us the opportunity to incorporate images, works and artists who are working on these issues, using as a tool the *Museari* online museum. We use the case study as a methodology. After having incorporated these actions in the classroom, all the participants respond a questionnaire. After the results, the conclusion we draw is that the training experience in sexual and gender diversity and inclusion has been interesting and novel for them, having encouraged reflection on how to incorporate these issues into the dynamics of the primary school classroom.

KEYWORD

Art; Education; Sexual Diversity; Museums; Teacher Training.

3 Optamos pela terminologia Arte/Educação no lugar de Educação Artística.

Introdução

A primeira questão a ter em conta na análise dos dados recolhidos é a baixa presença da Arte/Educação na formação de professores e professoras. Na formação inicial dos professores/as do Ensino Fundamental, as Artes Visuais passaram de três disciplinas anuais (quando o diploma durava três anos), para a situação atual, em que no conjunto dos quatro anos da licenciatura existe apenas uma disciplina de 6 créditos, com a qual os futuros profissionais de ensino devem ser formados nas artes (HAMLIN; FUSARO, 2018). A presença mínima das artes na formação dos professores/as leva a um evidente desconhecimento e interesse por tudo o que se relaciona com a imagem, as artes visuais e a cultura visual (LÓPEZ LEÓN & VILLA CARMONA, 2017). Essa situação gera uma verdadeira contradição, já que vivemos em uma sociedade repleta de imagens (FONTCUBERTA, 2016), onde as pessoas criam e divulgam imagens constantemente, em níveis exorbitantes (HAN, 2021), de modo que a falta de conhecimento dos códigos visuais tem um impacto negativo em tudo o que está relacionado à mídia, às artes e à cultura digital (LEÓN-MENDOZA, 2019). Dessa forma, o que estamos tentando fazer é oferecer, no curto espaço de tempo disponível para sua preparação, o máximo de informações e formação em artes e design (MAREIS; PAIM, 2021) para aqueles/as que estarão envolvidos na educação de estudantes do ensino fundamental.

Na insuficiente formação artística de estudantes do ensino universitário no campo das Artes, outro fator negativo a ser avaliado é a falta de atualização curricular com relação ao universo digital (HUERTA, 2020). Os currículos ainda estão excessivamente ancorados na realidade analógica, de modo que sentimos falta de um ajuste real que implique entrar totalmente em tudo o que está acontecendo no nível das tecnologias digitais (DURAND, 2021), dispositivos móveis, plataformas de conteúdos multimídia (ESCAÑO, 2019), videogames, cenários 3D e redes sociais. Isso é preocupante, pois os/as professores/as que estão em formação terão que enfrentar um tipo de corpo discente que é altamente influenciado pelas tecnologias digitais (MARZO de 2021). Se não os formamos levando em conta esse dilúvio digital (e de imagens) que nos inundam, eles/as serão forçados a inventar apressadamente um modelo educacional que contemple todas essas novidades (FARRÁN, 2021).

Um terceiro elemento que abordamos aqui é a formação de futuros professores/as em termos de diversidade (NAVARRO ESPINACH, 2019). Além da falta de tempo suficiente de formação em Artes Visuais e tratamento de imagens, há um descompasso com o potencial proporcionado pelo universo digital, e nossos/as discentes universitários da formação de professores/as, também carecem de formação sólida em diversidade e inclusão (APIA, 2019). Dentro dos parâmetros que determinam as diferentes diversidades, aqui abordaremos essencialmente a diversidade sexual, pois também é um assunto que tradicionalmente tem sido tabu e, portanto, a invisibilidade tem sido a diretriz que tem marcado essa realidade. A dissidência sexual e as culturas LGBT estão começando a se tornar um tema candente nos calendários educacionais, por isso devemos ficar atentos à evolução do tratamento dessas questões na formação

docente. Além disso, as artes nos permitem abordar essas realidades dissidentes com muita facilidade, levando em consideração o grande número de exemplos que podemos usar das artes, cinema, televisão e dos videogames (NAVARRO ESPINACH & TEJERO, 2021). Assim, neste artigo, defendemos o uso de tecnologias digitais, arte LGBT e novos parâmetros inclusivos para formar futuros professores do ensino fundamental.

Metodologia de estudo

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, é um estudo de caso no qual são analisados tanto o processo quanto os resultados de uma oficina realizada na disciplina “Propostas didáticas em Educação Artística”, uma disciplina que faz parte do itinerário de formação dos alunos/as do curso para formação de professores/as para Educação Básica da Universidade de Valência. Essa é uma disciplina optativa oferecida apenas aos/as estudantes da área de “Arte e Humanidades”, uma das sete áreas que existem atualmente na formação de professores/as desta universidade pública valenciana. Para realizar a pesquisa, usamos os diferentes tipos de coleta de dados que são comuns em estudos de caso, contando com uma pesquisa inicial, observação direta do participante pelo professor, que esteve presente em todas as etapas do trabalho, bem como um questionário final, que foi respondido por todos/as os/as participantes. Também usamos a organização de diferentes grupos de foco para poder realizar um acompanhamento exaustivo das diferentes fases do processo. Este é um estudo de caso experimental, no qual os interesses dos/as alunos/as são sempre levados em conta, incorporando suas próprias narrativas para que façam parte do contexto no qual o aprendizado é gerado. Para atingir esse objetivo, realizamos práticas artísticas de mediação pedagógica (NOGUÉ-FONT, 2020), sempre a partir de uma abordagem crítica. Isso fica muito evidente quando tratamos de temas que tradicionalmente são tabus, como a diversidade sexual, o que nos permite avançar positivamente ao eliminar esses preconceitos entre os/as futuros/as professores/as do ensino fundamental. A incorporação de referências LGTBI é muito benéfica (LLORENTE-BARROSO, GARCÍA-GARCÍA & GARCÍA-GUARDIA, 2021), pois as imagens e obras de arte que usamos ajudam os/as alunos/as a gerar interpretações muito mais enriquecedoras, rompendo com a invisibilidade dessas questões (HUERTA, 2021).

Defendemos a experiência artística como uma possibilidade de transformação social (HUERTA, R, 2022), usando referências artísticas atuais, com exemplos de artistas que, em alguns casos, até nos visitam, vindo à sala de aula para conversar com os/as alunos/as sobre seu projeto (PALACIOS GARRIDO, 2018). Toda essa metodologia eminentemente participativa e envolvente é sempre acompanhada de uma abordagem crítica, na qual a luta contra a discriminação em razão da diversidade sexual terá um papel decisivo. Na realidade, estamos desenvolvendo discursos pedagógicos que se tornam processos reflexivos, por meio dos quais problematizamos questões sociais, gerando debates nos quais questões como discriminação de gênero, marginalização,

bullying ou desigualdade são diretamente levantadas (TORREJÓN, ÁLVAREZ BALBUENA & ESCRIBANO VERDE, 2021).

Na disciplina “Propostas didáticas em Educação Artística”, organizamos a atividade e as oficinas por meio do trabalho de projeto, o que envolve endossar e chegar a um consenso sobre cada uma das decisões que são tomadas ao longo do projeto. Essa metodologia permite que os/as discentes desenvolvam habilidades para promover a análise e a avaliação das informações coletadas, ao mesmo tempo em que incentiva o pensamento crítico, a inovação, a criatividade e o trabalho em equipe. O objetivo é descobrir como o pensamento dos alunos evoluiu em relação a questões como inclusão e respeito à diversidade, estudando o contexto em que a proposta é desenvolvida. Coletamos os dados necessários para conhecer o caso em profundidade, detectando os pontos fortes e fracos de cada situação, argumentando cada avanço por meio de abordagens teóricas que possam promover o conhecimento dos diferentes aspectos tratados no projeto. Uma vez iniciado o processo, os problemas que surgem são listados, estudados separadamente e as medidas tomadas para melhorar ou resolver cada situação são descritas (FONTAL, IBÁÑEZ-ETXEBERRIA, MARTÍNEZ & RIVERO, 2017).

O estudo de caso para pesquisa no trabalho de projeto favorece a aprendizagem por descoberta, incentivando assim o/a aluno/a a fazer perguntas e formular respostas (SALIDO-LÓPEZ, 2020). Devemos ter em mente que a aprendizagem por descoberta exige a participação ativa dos/as alunos/as na decisão sobre o que, como e quando o conteúdo de aprendizagem é desenvolvido de acordo com a proposta. Desta forma, cada discente descobre por si mesmo os princípios ou conceitos a serem estudados. Esses processos de ensino-aprendizagem estimulam a curiosidade e o desenvolvimento de habilidades, permitindo que cada pessoa em formação se sinta parte ativa do processo (GARCÍA & FERNÁNDEZ, 2020). O estudo de caso como metodologia de pesquisa pedagógica é justificado pela ideia de que os/as alunos/as, sejam eles individuais ou em grupos, aprendem melhor porque assumem mais responsabilidade pelo desenvolvimento da discussão. Trata-se, portanto, de uma metodologia ativa que exige participação constante do corpo discente, cujo sucesso dependerá, em grande parte, da competência e do envolvimento do professor em seu uso. Nesta pesquisa, realizamos um estudo de caso exploratório (STAKE, 2005).

De uma perspectiva de metodologia híbrida combinada, também incorporamos a metodologia *Arts Based Educational Research* (ABER), pois alguns dos resultados do processo são obtidos por meio de peças artísticas ou imagens feitas pelos próprios estudantes (MARÍN-VADEL E ROLDÁN, 2019). Mas, acima de tudo, procuramos fortalecer o respeito pela diversidade, envolvendo os/as alunos/as em um processo criativo que envolve “aprender fazendo”, o que reforça a qualidade da aprendizagem recebida. Nossas práticas estão impregnadas de estudos processuais. Como afirmam Caeiro, Callejón e Chacón:

Essa personalidade das artes e seus processos de pesquisa influenciaram inevitavelmente o ensino e a forma como a arte é ensinada. Assim, surgiram

modelos que agora são bem conhecidos e estabelecidos, modelos que os professores estão usando cada vez mais em suas salas de aula, modelos que são positivamente “afetados” pelo que acontece ao criar ou “produzir” arte (2021, p. 775).

Levando em conta que incorporamos metodologicamente a *Arts Based Educational Research* (SALIDO-LÓPEZ, 2021), devemos esclarecer que as ilustrações que acompanham este texto constituem um argumento muito importante na narrativa da pesquisa (LOBOVIKOV-KATZ, 2019). Por esse motivo, nós as incorporamos de maneira padronizada. O conjunto de imagens que selecionamos para este artigo compõem uma estrutura a partir da qual as etapas sucessivas da investigação foram desenvolvidas (AWAD, 2020). São essas imagens, neste caso obras de arte, que incentivaram o estudo e o processo de abordagem da diversidade em sala de aula. Portanto, gostaria de deixar claro que o argumento visual é tão relevante aqui quanto as explicações que surgem do texto escrito (RAMON E ALONSO-SANZ, 2022). Por fim, gostaria de agradecer a todos os artistas que colaboram com o *Museari*, pelas facilidades que sempre nos proporcionaram para a realização de nossa pesquisa. São artistas muito envolvidos com questões sociais, especialmente a diversidade sexual, de modo que seu trabalho contém um valor agregado ao já interessante argumento visual, pois é um trabalho comprometido com a defesa dos direitos humanos, a partir de uma perspectiva integradora, inclusiva e reivindicatória (PALLARÈS E LOZANO, 2020).

O projeto de trabalho “Diversa”

A disciplina optativa de 6 créditos “Propostas didáticas em educação artística” é articulada em torno de cinco projetos de trabalho, três dos quais são individuais e dois são desenvolvidos em equipes. Um desses cinco projetos é o que estamos analisando aqui, que chamamos de “Diversa”, porque é um projeto no qual analisamos a diversidade sexual. Sempre usamos uma única palavra para definir cada projeto. “Diversa” surgiu como proposta pelos/as estudantes para abordar questões de diversidade por meio da arte (HERRERA-CASTIBLANCO, 2021). Devido às dificuldades ocasionadas pela situação de pandemia causada pelo vírus COVID-19, optamos por usar um museu virtual, o que nos levou a escolher o museu on-line *Museari*, que aborda questões da diversidade LGBT sob a perspectiva da História, da Arte e da Educação. Esse museu virtual nos permite visitar suas salas a qualquer momento, por meio de qualquer dispositivo conectado à internet. O site do museu, www.musgari.com é de fácil manejo, de modo que os/as alunos/as se sintam à vontade para usar essa ferramenta digital desde o início. A vantagem de um museu digital é que as informações podem ser acessadas a qualquer momento, o que é muito útil para estudantes em formação de professores/as, geralmente pouco familiarizados com a arte e os processos artísticos, pois eles sempre podem rever o que foi trabalhado

em sala de aula. Por se tratar de um museu no qual expõem artistas da atualidade, é mais fácil se conectar com os interesses e gostos dos/as alunos/as, evitando assim a rejeição que poderia surgir em relação a um determinado estilo de arte.

No processo de trabalho, os/as alunos/as recebem explicações sobre o que é esse museu virtual, cuja característica é que ele se concentra nas questões de diversidade sexual e culturas LGBT. Graças ao formato on-line, o Museari permite o acesso a todas e cada uma das mais de 70 exposições temporárias que podem ser encontradas em seu site. Desta forma, funciona como um repositório da arte LGBT, onde encontramos artistas de diferentes países, idades e afiliações, que trabalham com as mais diversas técnicas, embora predomine a pintura e a fotografia como os processos mais utilizados. Explicamos aos/as alunos/as como encontrar e acessar cada uma das exposições temporárias, para que eles/as possam escolher um/a artista a partir do qual elaborarão a sua análise. Em seguida, dissecamos alguns dos/as artistas que foram escolhidos/as pela maioria do corpo discente, incorporando os comentários que suas obras provocaram entre os/as estudantes da formação para professores/as.

1. Ángel Pantoja

A série Bustos, de Ángel Pantoja, parte da ruptura com o binarismo de gênero, representado pela alteração dos esquemas tradicionais da estética clássica e barroca, criando peças que contêm um forte senso de humor e reivindicação. Pantoja nos apresenta um conceito completamente atualizado desses valores, de modo que sua mensagem nos incentiva a repensar esses esquemas tradicionais ultrapassados. Cada busto desconcerta o espectador, que está acostumado a observar e assimilar estatuas clássica ou de estilo classicistas em um contexto específico. Cada usuário deve descobrir qual aspecto ou detalhe é especial ou chocante. A dureza do fundo preto dessas peças e o excelente trabalho de iluminação proposto por Pantoja fazem dessa série um verdadeiro ensaio adequado para ser incorporado ao panorama educacional.



Figura 1. Busto 4. De la serie Bustos. Ángel Pantoja. Fonte: Muscari

Entre as propostas feitas pelo corpo docente que escolheram o trabalho de Ángel Pantoja, gostaríamos de destacar as seguintes:

- “Começaríamos perguntando se todos os/as alunos/as sabem o que é uma pessoa homossexual, heterossexual, transexual ou bissexual; ou o que significa LGBT. Uma vez explicado cada termo, passaríamos a mostrar a imagem do busto de Ángel Pantoja e pedimos aos/as alunos/as que descrevessem o que viram e se acham que Pantoja cometeu algum engano ao colocar seios em um homem. (...) Na segunda sessão, a atividade seria realizada, pedindo-lhes que fizessem uma afirmação criativa sobre a diversidade cultural; usaríamos os exemplos dos bustos vistos anteriormente e outros links nos quais essa diversidade é representada, para que eles/as tenham mais exemplos e, portanto, seja mais fácil para os/as discentes chegarem a uma boa ideia. Os/as alunos/as deveriam fazer um desenho para mostrar o que entenderam, o que é diversidade sexual e que ela deve ser 100% respeitada”. (estudante 53 APC)

- “Os projetos serão realizados no campo da educação, com o objetivo de obter ações apropriadas sobre temas referentes a transexualidade. O objetivo é evitar possíveis casos de discriminação social por parte dos/as alunos/as. (...) Depois de analisar a imagem e introduzir o tema da transexualidade, eles/as terão de pensar em um conto tradicional e reescrevê-lo, ou seja, mudar os personagens, saindo da história convencional. O tema principal da história deve ser a transexualidade”. (estudante 17 MFI)

- Com relação à avaliação: “será realizada por meio de reflexão individual dos/as alunos/as, onde deverão escrever um comentário sobre o que aprenderam e o que acharam da atividade, dando assim um pequeno feedback ao professor, onde ao mesmo tempo deverão expressar um pensamento crítico e reflexivo”. (estudante 26 LGL)

2. Anna Maria Staiano

No trabalho da artista Anna Maria Staiano há sempre uma forte preocupação com questões de gênero e com o empoderamento de mulheres e pessoas trans. As peças que compõem a série *Pussy Alliance Medallions* são frequentemente o ponto de partida para foto-ações, performances e ações participativas e de protesto, partindo de peças corporais reconhecíveis que, às vezes, também se transformam em retratos fotográficos e ações coletivas que celebram a sororidade.



Figura 2. Diseño de colgante artístico Wonderlust. Pussy Alliance Medallions. Anna Maria Staiano.
Foto de Toni Cordero. Modelo: Abel Báguena.

Selecionamos algumas propostas feitas pelo corpo discente que escolheram a obra de Anna María Staiano:

- “No início da atividade, os/as alunos/as assistirão a um vídeo que mostra as diferentes partes dos órgãos sexuais externos masculinos e femininos. Depois de visualizá-los, eles/as comentarão brevemente o que chamou sua atenção e farão um esboço do órgão sexual que lhes causou mais preocupação, desenhado a lápis em um pedaço de papel” (estudante 37 JAA).

- “Assessões trabalharão com objetivos como: esclarecer o conceito de identidade de gênero: aprender sobre identidades trans (transgênero e transexuais); diferenciar entre identidade de gênero e orientação sexual; respeitar as diferenças pessoais e familiares; quebrar estereótipos e preconceitos. Depois de assistir à exposição, as perguntas serão feitas e respondidas pelo professor, por exemplo: O que entendemos por identidades de gênero? O que podemos dizer sobre identidades trans? Como você quer ser? Como você quer ser visto?” (estudante 15 KMR).

3. Anna Ruiz Sospedra

Anna Ruiz Sospedra é uma jovem artista que elabora um discurso muito potente sobre o corpo, através de esculturas que têm o tamanho real de pessoas. Uma parte atraente do trabalho dessa artista é sua participação na construção de monumentos *falleros*, nos quais ela não apenas reivindica questões de sexo e gênero, mas, acima de tudo, a recuperação de materiais mais ecológicos e um modelo de produção mais ético. Em sua proposta para *Museari*, ela apresentou um diálogo entre várias figuras que fariam parte da *falla* intitulada D'amors (Dos amores), que recebeu inúmeros prêmios, além do apoio do público. Em seu trabalho, ela sempre tenta questionar o que está marcado para nós a priori.



Figura 3. Esculturas de Anna Ruiz Sospedra para la falla D'Amors. Fonte: Muscari

Entre as propostas do corpo discente que escolheram a artista Anna Ruiz Sospedra, destacamos as seguintes:

- "Para realizar a atividade, o corpo discente se reúne no pátio da escola, pois esse é um local maior e mais iluminado para realizar a atividade e, como é um espaço não tradicional, os/as alunos/as ficarão muito mais relaxados e a atividade será mais eficiente. O corpo discente divide-se em grupos de 5 ou 6 pessoas, com uma folha que distribuimos previamente a cada membro do grupo, eles/as fazem perguntas aos outros membros do grupo. As questões têm a ver com sexualidade, personalidade e físico. É um jogo de quem é quem, mas lidando com tópicos que são considerados tabus. Os objetivos da atividade: aceitar e compreender a diversidade sexual; ser capaz de refletir e ter empatia; expressar opiniões livremente" (estudante 61 MFS).

- A atividade consistiu em colaborar no fracasso da escola, fazendo cinco *ninots*. Na primeira sessão, o corpo discente visualiza o trabalho de Anna Ruiz Sospedra e assistem a um tutorial para aprender a fazer *ninots* (bonecos). Nas sessões seguintes,

a modelagem do *ninot* é trabalhada até que esteja completamente feita. Seriam modelados corpos nus para fazê-los/as ver que as pessoas que estão lá dentro são como os *ninots*, muito parecidas. Depois disso, seria organizada uma discussão em sala de aula para verificar se os objetivos planejados foram alcançados: normalizar o corpo nu, promover a igualdade entre meninos e meninas, gerar interação e coordenação entre o grupo” (estudante 82 RAF).

4. Carol Luz

A jovem artista brasileira Carol Luz apresenta seu documentário sobre Raoni Reis no *Museari*, um curta-metragem com uma entrevista pessoal com esse personagem muito querido no Brasil, que se tornou uma estrela da dança, incorporando as danças hindus de Bollywood à cena tradicional brasileira. Ele explicada a superação de um trauma de infância, uma visita ao passado que envolve a superação da homofobia do discurso machista, eliminando preconceitos.



Figura 4. Documental Raoni Reis, dança em liberdade (vídeo). Carol Luz. Fonte: Muscari See More

Destacamos essas atividades do corpo discente que escolheram a artista Carol Luz:

- “A proposta aborda a questão da homossexualidade, valendo-se da obra de Carol Luz. A proposta tem como objetivo mostrar ao corpo discente uma visão saudável de certas questões relacionadas à diversidade e orientação sexual, de

forma totalmente normalizada. Atualmente, as instituições de ensino não dão a esses assuntos a importância que merecem, por isso é necessário dedicar tempo a eles trabalhando em sala de aula com atividades ou debates que ajudem a melhorar o conhecimento do corpo discente sobre esse tema, bem como aprender a conviver com as diferenças entre os grupos de colegas em nossa sociedade” (estudante 75 PSR).

- Após a exibição da exposição, é realizada uma palestra sobre as opções da diversidade sexual e dos direitos humanos, dando ao corpo discente a oportunidade de se expressarem livremente por meio da arte, rompendo com seus preconceitos e incentivando a liberdade de expressão. Trata-se de vestir-se como qualquer coisa que esteja de acordo com os estereótipos sexuais. Os meninos se vestiam de princesas e as meninas de jogadores de futebol ou super-heróis. Com esta atividade, pretendemos respeitar qualquer ser humano, independentemente de suas condições (sexual, religiosos, etc.). Também tem o objetivo de fazer com que os/as alunos/as se sintam livres e rompam com os preconceitos sociais” (estudante 20 CBB).

5. Eduardo Bruno e Waldírio Castro

Esses dois jovens artistas brasileiros transformaram sua festa de casamento em um verdadeiro espetáculo que contou com a participação de inúmeras pessoas. Após a celebração, os resultados da ação artística foram apresentados no salão de exposições do Banco do Nordeste. A pressão exercida sobre eles na forma de censura (a exposição foi fechada) foi, na verdade, uma grande promoção do evento, que posteriormente foi visto em outros lugares.



Figura 5. Kit gay. O que pode un casamento (gay)? Eduardo Bruno y Waldirio Castro. Fonte: Museari

Do corpo discente que optaram por essa exposição, resumimos essas propostas:

- “A atividade consiste em produzir cinco fotografias por grupo, nas quais os próprios alunos/as devem capturar nas imagens o que entendem por diversidade familiar. Para isso, eles podem se caracterizar, introduzir objetos e elementos que considerem adequados e editar as fotografias. A atividade pode ser realizada na sala de aula ou em qualquer outro espaço. Depois de tiradas as fotografias, elas são impressas e exibidas para o restante da turma” (estudante 68 CMM).

- “A primeira atividade consistirá em explicar os conceitos iniciais para que o nosso corpo discente conheça as terminologias. Para isso, usaremos um dado grande, em cada lado escreveremos uma palavra: homossexual, heterossexual, transexual, bissexual, gay e lésbica. Quando lançamos os dados, uma das palavras aparece, escrevemos no quadro e perguntamos aos/as alunos/as se saberiam definir. Caso contrário, o professor explica” (estudante 22 CGJ).

6. Elia Torrecilla

A artista Elia Torrecilla explorara com frequência as relações entre o corpo e o ambiente. Para isso, ela utiliza ações em que o caminhar se torna uma estratégia para praticar as ruas, tanto individual quanto coletivamente, cruzando espaços físicos, digitais e híbridos. Um corpo humano inserido no corpo urbano, que busca dialogar e, passo a passo, promover a presença nas ruas para tomar consciência de si na cidade.



Figura 6. Mujer anuncio. Elia Torrecilla. Fonte: Museari

-“Vamos preparar uma deriva urbana com o objetivo de reivindicar a diversidade. Cada aluno/a usará um pedaço de papel com a palavra que melhor o define e caminhará pela escola. O objetivo é que os alunos estabeleçam vínculos com a cidade, as ruas, as pessoas,

diferentes dos habituais, nos quais eles detectem a diversidade dos corpos urbanos existentes e, ao mesmo tempo, reivindiquem a sua própria diversidade” (estudante 32 ACC).

- “O corpo discente pensará nas mensagens que gostariam de exibir nas ruas, principalmente para a população adulta, para fazer com que a cidade se pareça mais com as deles/as. Você pode ter ideias como: “Permita andar sem pressa”, “Não pise nas linhas brancas”. “Proibido fumar perto de mim”. “É proibido me acompanhar olhando o celular”, etc. Eles/as também podem expressar isso por meio de ícones. O corpo discente circulará pela universidade com os pôsteres, observando a reação dos adultos quando os leem” (estudante 29 AEE).

7. Lucas Villi

A sexualidade e a homossexualidade são temas centrais na produção artística desse jovem artista brasileiro, onde analisa a hierarquia da sociedade, que localiza e legitima as pessoas, gerando contradições que não garantem direitos básicos a toda a população. Nessa hierarquia, ele foi marginalizado por ter uma sexualidade dissidente, que historicamente foi negada e subordinada por interesses políticos, econômicos, sociais, culturais e religiosos. Sua história de vida, como a de muitas outras pessoas LGBTI+, está enraizada nas lutas pelo direito de viver com as melhores garantias de existência. Esse foi o ponto de partida para pensar em sua pesquisa artística como uma estratégia para seu empoderamento como pessoa LGBTI+.



Figura 7. Bordado. Sem título. Lucas Villi Fonte: Museari

- “A atividade consiste em o professor colar na parede do pátio uma série de frases escritas em diferentes cartões com mitos relacionados à diversidade sexual: quem é o homem na sua relação?; Isso é de bicha!, os gays são afeminados e as

lésbicas são machorras; qual era o seu nome de nascimento?; A homossexualidade é uma doença; você é homem ou mulher? Em grupos, o corpo discente escolhe uma delas, para depois substituí-las por frases em que não discriminem nenhum grupo, transformando-as em cartazes, slogans ou campanhas de apoio à diversidade sexual". (estudante 84 MRB)

Em relação à avaliação: - "A avaliação da atividade consistirá na observação direta, examinando o comportamento do corpo discente durante a execução da atividade proposta. Levaremos em conta a atitude apresentada, como os valores desenvolvidos, a motivação e a participação. Além disso, observaremos e avaliaremos o trabalho final para ver como ele foi resolvido de forma criativa e melhorou sua visão diante da diversidade, conhecendo sua reflexão e complementando-a com perguntas diretas como: O que você aprendeu? Gostou? Mudou a forma como vê os relacionamentos?" (estudante 78 ASR).

8. Lúcia Marrades

Sua pintura figurativa reflete um mundo pessoal cheio de medos, traumas, experiências e vivências íntimas. Esses retábulos são mostrados como uma forma de terapia para digerir e interpretar os problemas que essa jovem artista enfrentou. Influências artísticas, cinematográficas, musicais e LGBT. A arte é um reflexo da vida: ópera barroca, a cultura camp, underground e trash, pintura japonesa, pintura flamenga do século XV, cinema italiano, o mundo da moda, retábulos góticos, música punk, travestis, prostituição, cultura queer. A maioria dos personagens que aparecem são transexuais ou genderqueer (gênero não-binário) que exibem corpos excessivos sem complexos com a intenção de lutar contra a tirania da imagem e os cânones sociais impostos.



Figura 8. Descendimiento definitivo... Y morieron los cerdos. Lúcia Marrades fonte: Museari

- "A atividade consiste em duas sessões de 50 minutos cada. Na primeira, há uma introdução e se trabalham os artistas trans, seja para defendê-la por meio da arte ou para vivê-la eles mesmos. Na segunda sessão, cada pessoa participa ativamente. O local ideal para realizá-la seria no pátio, pois dessa forma eles/as entram em contato com o ambiente e entendem que a sexualidade é algo que afeta a todos e está em nosso cotidiano" (estudante 87 CRS).

- "Em primeiro lugar, fazemos as seguintes perguntas: Você sabe o que significa a sigla LGBTQIAP+? O que é um estereótipo para você? Você acredita que todas as pessoas têm as mesmas oportunidades e que não importa seu sexo, físico ou orientação sexual? Depois de discutir essas questões, passamos para a apresentação da atividade "Povoar o mundo". Um planeta habitável foi encontrado e 30 pessoas com características diferentes devem ser enviadas para iniciar sua população. A tarefa é justificar por que um ou outro deve povoar o novo mundo. Ao final do debate, cada grupo desenha um mural com as pessoas que irão povoar o novo mundo, justificando sua importância para a sociedade, mas independente de etnia, físico, orientação sexual ou situação econômica. No desenho final, serão apresentadas pessoas de todos os gêneros, ignorando os cânones da beleza, sem discriminação" (aluno 77 PRP).

9. MarC. Llop

Por meio do projeto *Constructions Identitàries*, Marc C. Llop tenta fotografar e explicar, por meio de textos, os discursos das construções de gênero daqueles que precisam sair da dicotomia mulher/homem, e também, de forma específica, a evolução dos corpos de pessoas transexuais. Desde o momento em que decidiu fazer a transição do gênero que lhe foi designado no nascimento, e durante esse período de transição, Llop tem conhecido pessoas que estão no mesmo caminho. Marc começou a documentar e capturar essas realidades, sentimentos, pensamentos, conceitos e debates de pessoas trans. Sua obra é uma das mais bem-sucedidas entre o corpo discente da formação.



Figura 9. Alice Evo. *Constructions Identitàries*. Mar C. Llop. Fonte: Museari

- "Assessão começa com uma breve introdução à questão trans. Serão apresentados casos de crianças, dando visibilidade a todas essas questões, provocando motivação e envolvimento. Depois de assistir a uma breve entrevista com uma menina trans de 9 anos, em que a protagonista nos conta sobre sua experiência, os problemas que teve que enfrentar e como se sente agora. Isso será seguido por uma compilação de opiniões e reflexões para documentar uma ação participativa de natureza artística" (estudante 35 VLG).

- "Durante a primeira sessão, a imagem escolhida de *Museari* será projetada. O corpo discente terá tempo para refletir sobre o que estão vendo. Em seguida, haverá uma vez de falar para expressar o que sentiram quando viram o filme. Depois disso, a classe será dividida em grupos mistos para criar uma lista de coisas que eles acham que caracterizam os meninos e coisas que caracterizam as meninas, bem como o que os torna diferentes. Falaremos sobre a diferença entre gênero-sexo e estereótipos. A próxima atividade será um *brainstorm* sobre diversidade sexual para nos aproximarmos do conhecimento que o corpo discente tem sobre o assunto" (estudante 73 TRL).

10. Mogares Doyan

Esse jovem artista diz que "desde o primeiro sopro de ar ao nascer, somos ensinados como devemos nos vestir, de que cor devemos ser, que esportes devemos praticar. Se você é um menino e seus amigos são meninas, você é um afeminado ou uma mariquinha. Tudo bem se você fizer sexo com muitas mulheres, mas se você for uma mulher, então você é uma prostituta e ninguém vai gostar de você. Se você sair da norma, será uma pessoa estranha, perversa e traumatizada, uma minoria social". Assim nasceu o Prefácio, o epílogo de sua experiência pessoal com o gênero, o início de um projeto de pesquisa artística sobre teorias queer, e continua com pesquisas apoiadas na produção artística. Reivindicando a necessidade de romper com a estrutura de gênero criada em nível social, político, econômico, religioso, cultural e, o mais importante, a nível pessoal.



Figura 10. (Querer) entenderse. Mogares Doyan, Fonte: Muscari

Mais uma vez um jovem artista escolhido por muitas pessoas da turma, provavelmente pela proximidade de seu discurso, que condiz muito bem com a idade do nosso corpo discente. Entre as inúmeras propostas geradas por sua obra, trazemos aqui uma amostra:

- “Depois de ver a exposição de Mogares Doyan, o/a professor/a separa a lousa em duas por meio de uma linha vertical. Na parte superior esquerda, escreve **HOMEM** e na parte superior direita, **MULHER**. A seguir, ações, comportamentos, objetos ou relacionamentos que são socialmente atribuídos de forma estereotipada a homens ou mulheres. Toda vez que eu dizia uma dessas coisas, dava o giz a um aluno/a para escrevê-la na lousa em seu lado “correspondente”, ou seja, o lado em que a sociedade determina que ela deve estar. Depois disso, o professor pergunta ao corpo discente se concordam com o que estão vendo na lousa, permitindo que eles/as apresentem suas ideias. Após ouvir as opiniões, dois voluntários são escolhidos aleatoriamente: um do sexo masculino e uma do sexo feminino. O aluno pegaria o apagador para apagar a palavra **HOMEM**, a aluna para apagar a palavra **MULHER** e depois apagaria a linha que divide a lousa em duas, simbolizando a quebra dos papéis de gênero, deixando claro que qualquer pessoa, independentemente do gênero, pode receber qualquer elemento da lousa” (estudante 12 DCV).

11. Natividade Navalón

A obra desta artista assenta na metáfora da indigência, que é basicamente uma forma de compreender a mulher, mas sobretudo uma forma de nos compreendermos a nós próprios. Como ela mesma diz: “Ficamos filhas da miséria, naufragos em busca de uma ilha, essa pequena conquista do caos. Cabe a nós questionar todo discurso, mas temos consciência de que por mais que nos desesperemos, estão trilhando esse caminho sozinhos. Este projeto impressionante refere-se ao lugar de lutas e tréguas em um campo árido e à necessidade de encontrar uma zona segura que mantenha juntos, sem confundi-los, presença e ausência. Mulheres anônimas, heroínas em uma sociedade misógina.



Figura 11. No lo llamaba hogar, pero era todo lo que ella tenía. Natividad Navalón Fonte: Museari

- "O principal objetivo da atividade é conscientizar o corpo discente sobre a violência de gênero nas guerras, bem como criar neles e nelas valores de respeito, justiça e solidariedade em relação a todos os tipos de indivíduos. Como futuros/as professora/es, considero fundamental educar o corpo discente para prevenir e erradicar a violência e a desigualdade de gênero" (estudante 89 ARM).

- "Organizada em grupos de quatro pessoas, a atividade compreende cinco sessões: 1) Mostrar o museu virtual, explicar sua função e fazer a proposta de atividade; 2) Criação de um planejamento de grupo com as funções de cada membro do grupo e os locais onde as fotos serão tiradas; 3) Sessão de fotos e processo de seleção de imagens; 4) Impressão das quatro imagens selecionadas pelo grupo, acrescentando complementos; 5) Apresentações de cinco minutos por grupo, para explicar o trabalho realizado, dando origem ao debate e comentários do restante da turma. Tudo isso nos levará a aprofundar um aspecto tão importante como o problema da violência de gênero" (estudante 39 JMR).

12. Randomagus

Desde pequeno, Randomagus já usava a tesoura para cortar papel e juntar peças, embora não soubesse que estava fazendo colagens. Para ele, essa era simplesmente a maneira mais natural de se expressar. E continua a ser assim. Com suas colagens, ele fala sobre masculinidade. Ele acredita que o que geralmente é considerado masculino deve mudar. Suas obras são povoadas por homens que não têm medo de se mostrar ao mundo, que sabem quem são e que são corajosos o suficiente para não se importar. Eles não se importam em ser tradicionalmente "masculinos", eles são eles mesmos, sem medo de ser.



Figura 12. Learning to fight. Randomagus. Fonte: Muscari

- “Observamos as imagens novamente e o projeto que será realizado para trabalhar a diversidade é explicado. Vamos nos concentrar na diversidade individual e em nosso relacionamento com o ambiente. Para isso, faremos uma colagem na qual expressaremos a diversidade a partir da nossa própria perspectiva e experiência, neste caso, a partir do contexto individual das crianças. Para termos mais referências, também mostraremos trabalhos de mulheres artistas que criam seus trabalhos com essa técnica de colagem” (estudante 91 CSL).

13. Sara Colaone

Artista italiana conhecida internacionalmente por suas histórias em quadrinhos, publicadas em vários idiomas e países, sempre tratando de questões de feminismo e diversidade sexual. Seu célebre e premiado Na Itália são todos machos, pela primeira vez, explora, reconstrói e traz de volta aos leitores um assunto doloroso e esquecido: o confinamento de quase trezentos homossexuais italianos durante o regime fascista. O poder de sua narrativa baseada em imagens alcançou um público amplo, provocando um senso crítico não apenas do passado, mas também do presente. A recuperação da memória e das imagens é crucial para evitar a superficialidade das opiniões, especialmente em um contexto de definição de identidades e orientações sexuais.



Figura 13. Doble página de En Italia son todos machos. Sara Colone. Fonte: Museari

- “Trabalharemos com conceitos desconhecidos, como homofobia, coletivo LGBTI ou qualquer outro conceito que não seja compreendido. Também abordará a perseguição e a discriminação que as pessoas LGBTI sofreram e por que atitudes homofóbicas são tão absurdas: “vivemos em um país democrático onde temos a liberdade de amar e fazer sexo com quem quisermos sem medo de sermos julgados pelo resto da população”. Essa sessão também incluirá a divisão do corpo discente

em equipes, a explicação da atividade artística e o planejamento da tarefa a ser elaborada por cada grupo. Na segunda sessão, as equipes traduzirão suas ideias em uma história em quadrinhos sobre a violência contra o coletivo LGBTI” (estudante 63 APB).

14. Wandellyson Landim

Artista, educador e pesquisador em artes visuais, o jovem Wandellyson Landim gera um encontro entre interesses diversos, onde destaca o papel do corpo diante das pressões sociais, culturais, econômicas e políticas. Embora a fotografia seja um meio comum para esse artista brasileiro, a instalação e a performance também estão presentes em seu trabalho. Muito ativo nas redes sociais, ele não hesita em envolver suas crenças e rituais religiosos no que cria com um discurso de aberturas e sugestões.



Figura 14. Cuerpos. Wandellyson Landim, Fonte: Museari

“Iniciaremos a sessão mostrando a imagem escolhida na tela digital. O professor deixará o corpo discente falar, ouvindo os comentários que possam surgir. Como se trata de dois homens, pode ser chocante para aqueles que são praticantes, frequentam a catequese e tomam a comunhão. As reflexões que podem surgir antes da intervenção do professor certamente serão diferentes das que seguirão depois, e esse é o objetivo da atividade. Depois de ouvir, o professor começa a desenvolver seu papel, descrevendo a imagem, enfatizando os protagonistas. Em seguida, ela fará perguntas para criar um debate em classe, no qual diferentes opiniões e experiências poderão ser ouvidas: O que você acha de duas mulheres serem namoradas? E dois homens? E se eles tiverem filhos? O que você acha das pessoas que não aceitam isso?” (estudante 93 ETM).

15. Pepa Arróniz

A capacidade de gestar e amamentar serviu e continua servindo como desculpa para relegar a mulher à esfera doméstica. Com base na representação plástica do corpo e da genitália feminina, o Proyecto Hyster analisa os papéis que as mulheres assumiram e foram designadas ao longo da história. Intrinsecamente, Pepa aborda questões de gênero que, devido à sua natureza transversal, não só dizem respeito às mulheres, mas à sociedade como um todo, em um momento em que a polarização está ocorrendo em muitas áreas.

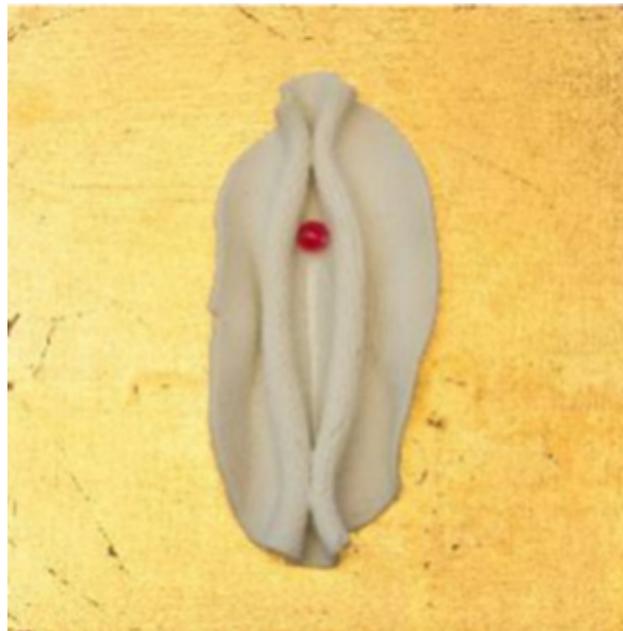


Figura 15. Venus 4. Projeto Hyster. Pepa Arróniz, Fonte: Museari

- "A atividade projetada para trabalhar a imagem está focada na atribuição de papéis na sociedade, tanto para as mulheres quanto para o coletivo LGBT. Com base na imagem escolhida, na qual a artista pretende mostrar que as questões de gênero, devido à sua natureza transversal, não afetam apenas as mulheres, cada grupo receberá uma história que não revelará a identidade do personagem, pois isso ficará a cargo do corpo discente. Nesse caso, são apresentados os gostos e desgostos, o trabalho do personagem, o que ele faz no seu dia a dia, a fim de verificar quais são os preconceitos anteriores do corpo discente antes de revelar a verdadeira identidade do personagem. Uma das histórias poderia ser: *'Eu tenho um filho, eu o alimento e vamos passear'*. O corpo discente pode pensar que se trata de uma mulher quando, na verdade, pode ser um homem. Depois de ler a história, eles/as terão de tirar suas próprias conclusões e atribuir um personagem que considerem ser o principal e explicar como chegaram a essa conclusão. Por fim, as verdadeiras identidades de cada personagem são reveladas, evidenciando os preconceitos da sociedade e a maneira como as pessoas atribuem determinados comportamentos ao sexo que acreditamos

estar 'encarregado' de realizar determinadas ações.

Argumentos a favor e contra

No questionário inicial, foi questionado ao corpo discente quais as noções que tinham sobre diversidade e culturas LGBT, sendo que 56% dos que responderam se consideravam razoavelmente bem informados sobre o assunto. Quando perguntamos sobre referências artísticas ligadas às questões LGBT, a maioria (67%) assumiu a falta de referências, pelo menos no que diz respeito às artes visuais, embora conhecessem alguns exemplos de músicas em que essas questões aparecem, bem como filmes e séries em que o tema é tratado. A maior parte do corpo discente disse que gostaria de saber mais sobre o assunto (82%), embora tenha havido dois casos em que foi manifestado algum desconforto, pois eles consideraram a abordagem desses assuntos em sala de aula como "interferência política". Houve também alguns casos (16%) que consideraram tratar-se de questões internalizadas pela sociedade, o que implica que o estigma e os tabus foram superados e, portanto, não havia necessidade de abordar essas questões em sala de aula. Alguns dos alunos expressaram preocupação, pois não haviam trabalhado anteriormente com esse tipo de metodologia (projetos de trabalho) e achavam que seria mais complicado. Posteriormente, eles expressaram sua satisfação por terem realizado a experiência com esse formato de metodologia didática.

Após a experiência de trabalho por projeto, todo o corpo discente concordou que houve conquistas positivas, mesmo aqueles que inicialmente se mostraram mais relutantes. Como a participação e o debate predominaram, muitos aspectos surgiram e foram abordados em sessões sucessivas, de modo que muitas dúvidas foram resolvidas em um ambiente calmo e descontraído. A falta de formação acerca das temáticas, além do que está envolvido em falar sobre essas questões entre amigos ou com pessoas de confiança, também foram mencionadas. Por fim, chegamos à conclusão de que é necessário abordar essas questões em todos os estágios educacionais, algo com que 93% do corpo discente concordou. Quanto à adequação do uso das artes visuais como um ambiente adequado para lidar com essas questões sociais e pessoais, a maioria (73%) reclamou que tem pouca formação em artes, o que nos leva a repensar o tipo de educação que estamos oferecendo para os nossos alunos e alunas. Em quase todos os casos (87%), eles disseram que conheciam esses aspectos da diversidade sexual principalmente por meio de filmes e séries de TV. E a maioria (82%) achava que o uso de um museu virtual havia facilitado a realização de tarefas. Foi levantada a possibilidade de melhorar esse déficit ligado à falta de interesse por essas questões nos programas escolares, integrando a diversidade sexual nas diferentes áreas do currículo e aumentando a formação artístico do corpo discente em geral.

Conclusões

Após a experiência pedagógica do projeto “Diversa”, no qual a diversidade sexual é analisada e investigada a partir de uma perspectiva artística e educacional, no âmbito da formação inicial de professores/as do ensino fundamental, podemos concluir que os resultados são altamente positivos. Por um lado, o tema da diversidade sexual foi incorporado às aulas de arte na formação inicial de professores/as do ensino fundamental, algo extremamente necessário, e que o próprio corpo docente considerou muito interessante. Por outro lado, foi gerado um debate crítico sobre o valor dessas questões no currículo escolar. Além disso, a criação artística e experimental foi promovida entre os/as estudantes universitários/as, o que, sem dúvida, favorecerá sua formação como futuros professores/as. Apesar de alguma relutância inicial, no final da experiência todos/as ficaram satisfeitos/as por terem conseguido expressar suas ideias sobre temas que habitualmente são tabus, mas que, graças à arte e a arte/educação, são oferecidos a nós como fontes reais de ideias e emoções, às vezes muito reprimidas, pouco expressas ou pouco compreendidas.

Outro fator a ser valorizado em toda a experiência investigada é o uso da tecnologia digital para alcançar as obras de arte sobre as quais o projeto de trabalho se apoia. O fato de manipular dispositivos digitais na sala de aula, de poder acessar informações facilmente ou de poder recuperá-las a qualquer momento são fatores que contribuem para uma maior receptividade por parte do nosso corpo docente. O que é certo é que tanto os temas LGBT quanto os usos tecnológicos levam a uma maior atenção e interesse por parte dos/as alunos/as, o que tem um impacto positivo nos resultados desse tipo de atividade experimental. Nesse sentido, falar abertamente em sala de aula sobre questões de identidade, sexualidade e gênero favorece o aumento do interesse e também possibilita uma formação sem preconceitos e tabus, algo realmente necessário para aqueles/as que decidiram se tornar professores/as. Não se trata apenas de formar professores/as em artes e imagem, mas também de promover um ambiente propício à inclusão, ao afeto e ao respeito pelas diversas formas de existências. Os/as professores/as em formação devem estar cientes da importância que o universo digital adquiriu na comunicação pedagógica, e é por isso que incentivamos o uso de museus on-line onde a diversidade sexual e a promoção da arte contemporânea são abordadas abertamente. Conhecer artistas mulheres e artistas LGBT será extremamente positivo para os professores/as do ensino fundamental, assim como facilitará seu trabalho pedagógico para abordar a dissidência sexual e de gênero na perspectiva das artes, aproveitando os recursos digitais para promover o respeito e a conscientização entre os cidadãos.

Referências

Appiah, Kwame Anthony (2019). **Las mentiras que nos unen**. Repensar la identidad. Barcelona: Taurus.

Awad, S. H. (2020). **The social life of images**. *Visual Studies*, 35(1), 28-39. <https://doi.org/10.1080/1472586X.2020.1726206>

Caeiro, M., Callejón, M., & Chacón, P. (2021). **El diseño de métodos poéticos y autopoéticos en Educación Artística: articulando metodologías y metodografías**. *Arte, Individuo y Sociedad*, 33(3), 769-790. <https://doi.org/10.5209/aris.69263>

Durand, C. (2021). **Tecnofeudalismo**. Crítica de la economía digital. Adrogué: La Cebra / Donostia: Kaxilda.

Escaño, C. (2019). La mirada como acto político. El cine y otros audiovisuales como herramientas educativas de (re)construcción del mundo. **EARI Educación Artística Revista de Investigación**, 10, 251-261. <https://doi.org/10.7203/eari.1014152>

Farrán, R. (2021). **La razón de los afectos**. Populismo, feminismo, psicoanálisis. Buenos Aires: Prometeo.

Fontcuberta, J. (2016). **La furia de las imágenes: Notas sobre la postfotografía**. Barcelona: Galaxia Gutenberg.

Fontal, O., Ibáñez-Etxeberria, A., Martínez, M., & Rivero, P. (2017). El patrimonio como contenido en la etapa de Primaria: del currículum a la formación de maestros. **Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación de Profesorado**, 20(2), 79-95. <http://dx.doi.org/10.6018/reifop.20.1.286321>

García, M. & Fernández, M. (2020). Relación entre metodologías docentes y enfoques de aprendizaje en la universidad. **International Journal of Developmental and Educational Psychology**, 2(1), 371-380. <https://doi.org/10.17060/ijodaep.2020.n1.v2.1856>

Hamlin, J. y Fusaro, J. (2018). **Contemporary Strategies for Creative and Critical Teaching in the 21st Century**, *Art Education*, 71(2), 8-15. <https://doi.org/10.1080/00043125.2018.1414529>

Han, Byung-Chul (2021). **No-cosas. Quiebras del mundo de hoy**. Madrid: Taurus. Herrera-Castiblanco, S. A. (2021). La creatividad performativa. *Revista KEPES*, 18(23), 111- 146. <https://doi.org/10.17151/kepes.2021.18.23.5>

Huerta, R. (2020). **Arte, género y diseño en educación digital**. Tirant lo Blanch.

Huerta, R. (2021). **Museari: Art in a Virtual LGBT Museum Promoting Respect and Inclusion**, *Interalia A Journal of Queer Studies*, 16, 177-194, <https://doi.org/10.51897/interalia/NQBD3367>

Huerta, R. (2022). **La Memoria**. Investigación Basada en las Artes para la formación del profesorado. *Arte, Individuo y Sociedad*, 34(1), 445-462. <https://dx.doi.org/10.5209/aris.70081>

León-Mendoza, R. (2019). **¿Qué prueba una imagen?** *Artnodes*, 24, 53-63. <http://dx.doi.org/10.7238/a.v0i24.329>

Llorente-Barroso, C., García-García, F., & García-Guardia, M. (2021). **Interrelaciones de la memoria con la creatividad y la imagen en la conformación de la cultura**. *Arte, Individuo y Sociedad*, 33(4), 1095-1116. <https://doi.org/10.5209/aris.70216>

Lobovikov-Katz, A. (2019). Methodology for Spatial Visual Literacy (MSVL) in Heritage Education: Application to Teacher Training and Interdisciplinary Perspectives. *REIFOP Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, 22(1). <https://doi.org/10.6018/reifop.22.1.358671>

López León R., & Villa Carmona G. A. (2017). El aula de diseño como escenario de exploración entre alfabetidad visual y pensamiento crítico. *Revista KEPES*, 14(15), 173 - 194. <https://doi.org/10.17151/kepes.2017.14.15.7>

Mareis, C. y Paim, N. (eds.) (2021). **Design Struggles. Intersecting Histories, Pedagogies, and Perspectives**. Amsterdam: Centraal Boekhuis.

Marín-Viadel, R. y Roldán, J. (2019). **A/r/tografía e Investigación Educativa Basada en Artes Visuales en el panorama de las metodologías de investigación en Educación Artística**. *Arte, Individuo y Sociedad*, 31(4), 881-895. <https://doi.org/10.5209/aris.63409>

Marzo, J. L. (2021). **Las videntes**. Imágenes en la era de la predicción. Barcelona: Arcadia.

Navarro Espinach, G. (2019). La Edad Media a través del cine: la Trilogía de la vida de Pasolini. *Educación Artística: Revista de Investigación (EARI)*, 10, 286-320. <https://doi.org/10.7203/eari.10.14089>

Navarro Espinach, G., y Tejero, D. (2021). El llibre d'Amic e Amat de Ramon Llull como inspiración en el arte homoerótico. *Educación Artística: Revista de Investigación (EARI)*, 12, 285-300. <https://doi.org/10.7203/eari.12.20302>

Nogué-Font, A. (2020). **Indagaciones sobre los procesos de creación artística desde la práctica**. *Arte, Individuo y Sociedad*, 32(2), 535-552. <https://doi.org/10.5209/aris.66018>

Palacios Garrido, A. (2018). ¿Debemos explicar el significado de las obras de arte? La mediación artística como experiencia formativa en la universidad. *Observar. Revista Electrónica de Didáctica de las Artes*, 12, 71-91.

Pallarès, M. y Lozano, M. (2020). Diálogo con el "Manifiesto por una pedagogía post-crítica" desde la esperanza como acción social transformadora. *Teoría de la Educación. Revista Interuniversitaria*, 32(2), 65-79. <https://doi.org/10.14201/teri.22451>

Ramon, R. y Alonso-Sanz, A. (2022). La c/a/r/tografia en el aula como instrumento de desarrollo creativo, visual y de pensamiento complejo a través de las artes. **Revista KEPES**, 19(25), 531-563. <https://doi.org/10.17151/kepes.2022.19.25.18>

Salido-López, P. V. (2020). Metodologías activas en la formación inicial de docentes: Aprendizaje Basado en Proyectos (ABP) y educación artística. Profesorado. **Revista de Currículum y Formación de Profesorado**, 24(2), 120-143. <https://doi.org/10.30827/profesorado.v24i2.13565>

Salido-López, P. V. (2021). **La Educación Artística ante el reto de enseñar a aprender**: un estudio de caso en la formación de docentes. *Arte, Individuo y Sociedad*, 33(4), 1429- 1447. <https://doi.org/10.5209/aris.72439>

Stake, R. (2005). Investigación con estudio de casos. Morata. Torrejón, B. S., Álvarez Balbuena, A., & Escribano Verde, M. (2021). Logros y desafíos de la (co)educación: un camino violeta por recorrer. *Revista De Estudios Socioeducativos. ReSed*, 9, 145-159. http://doi.org/10.25267/Rev_estud_socioeducativos.2021.i9.10

Tradução

Fabio Wosniak

Professor Adjunto na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e colaborador no Mestrado Profissional em Arte - PRFArte da Universidade Regional do Cariri - URCA/ CE. Doutor e Mestre em Artes Visuais–UDESC. Coordenador do Grupo de Pesquisa Experiências e Dissidências nas Artes Visuais - CNPq/UNIFAP e do Programa de Extensão Apotheke em Dissidência/UNIFAP. Email: f.wosniak@unifap.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6525393533253057> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5881-7414> Contribuíram neste processo de tradução os estudantes e bolsistas de Iniciação científica PIBIC (Graduação e Ensino Médio), integrantes do Grupo de Pesquisas Experiências e Dissidências nas Artes Visuais - CNPq/UNIFAP.

Submissão: 12/08/2023

Aprovação: 18/08/2023